

NOTÍCIAS DE SÃO MARCOS

da Serra

Edição nº2
Junho 2026

25 de Abril
Uma lição de história

A nova cara de São Marcos da Serra

O Mundial de Futebol FIFA 2026

O custo de vida que nos mói

A festa da XXVIII Feira do Folar

NOTÍCIAS DE SÃO MARCOS da Serra

DESTAQUES

EDITORIAL	3
XVIII Feira do Folar — São Marcos da Serra	4
O custo de vida que nos mói	8
A nova cara de São Marcos da Serra	10
25 de Abril de 1974 - Uma lição de história	14
O mundial FIFA 2026	16
Para lá de onde o IC1 nos leva...	20

Ficha técnica:

Propriedade e Edição: Junta de Freguesia de São Marcos da Serra
Periodicidade: Trimestral
Textos: Ruben Teixeira
Director: Márcio Coelho, Presidente da Junta de Freguesia de São Marcos da Serra
Coordenação: Ruben Teixeira
Fotografias cedidas por: Junta de Freguesia de São Marcos da Serra, Município de Silves e Ruben Teixeira
Impressão: Junta de Freguesia de São Marcos da Serra
Distribuição: Gratuita



Continuar a traçar o Nosso Caminho

Estimados Fregueses e Amigos de São Marcos da Serra,

É com renovado orgulho e entusiasmo que fazemos chegar às suas mãos o segundo número da nossa revista. Esta publicação nasce da vontade contínua de aproximar a Junta de Freguesia de todos os cidadãos, dando a conhecer o trabalho realizado, os projectos em curso e, acima de tudo, o dinamismo e a vitalidade que caracterizam São Marcos da Serra.

Nesta edição, destacamos com especial carinho o enorme sucesso de mais uma Feira do Folar. Este evento emblemático não só celebra as nossas tradições e a riqueza do nosso artesanato e gastronomia, como também se afirmou, uma vez mais, como um ponto de encontro inesquecível para a comunidade e um polo de atracção para milhares de visitantes. O brilho e a dimensão que a feira alcançou são o reflexo vivo do melhor que a nossa terra tem para oferecer.

No entanto, o dinamismo da nossa freguesia constrói-se todos os dias, no trabalho silencioso e contínuo de resposta às necessidades da população. O cumprimento rigoroso do plano de ação deste executivo tem exigido um empenho diário, dedicado e incansável de toda a equipa da Junta de Freguesia. Desde as grandes intervenções ao apoio do dia a dia, cada conquista aqui retratada é fruto de um esforço coletivo feito a pensar em si.

Convidamo-lo a folhear estas páginas com o mesmo orgulho com que as preparámos. Continuaremos a trabalhar, lado a lado, pelo presente e pelo futuro de São Marcos da Serra.

Boa leitura!

Com estima,

Márcio Coelho
Presidente da Junta de Freguesia de São Marcos da Serra

A ALDEIA QUE SE ENCHEU DE FESTA

XXVIII Feira do Folar — São Marcos da Serra, 3 a 5 de Abril de 2026

Três dias de tradição, sabores serranos e música que ficam na memória

Há fins-de-semana que ficam. Não pela espectacularidade dos palcos ou pela grandiosidade dos cartazes — mas pela soma de coisas simples que, juntas, criam algo de extraordinário. O primeiro fim-de-semana de Abril foi um desses casos. São Marcos da Serra acordou diferente nesses três dias: as ruas encheram-se de cor, de cheiros, de música e de gente — muita gente — que veio de perto e de longe para celebrar o folar, a tradição e a alegria de estar juntos.

A 28.^a edição da Feira do Folar confirmou mais uma vez que este evento já não é apenas uma festa local. É uma referência na agenda cultural da Serra Algarvia.

A Aldeia acordou diferente, o Largo da Igreja transformou-

-se sem dúvida no coração da aldeia. As barracas do comércio local dispunham-se em filas convidativas, com as suas cores, os seus aromas e os seus sons a criarem um ambiente de uma feira genuína que a modernidade ainda não conseguiu replicar.

Uma feira é o que são as suas barracas. E as barracas da Feira do Folar 2026 não desiludiram. Os intervenientes do comércio local estiveram presentes em força, numa resposta colectiva que demonstra o quanto este evento representa para a economia e para o tecido social da região.

O rei da festa — o Folar da Páscoa — esteve, naturalmente, em destaque. O folar algarvio, um dos eleitos já das 7 Maravilhas

Doces de Portugal, apresentou-se nas suas múltiplas variações: o tradicional folar com ovos cozidos na massa, o folar doce aromatizado com erva-doce e especiarias, versões em tamanhos para partilhar em família. Cada barraca tinha a sua receita guardada, a sua textura própria, o seu segredo de forno que faz a diferença.

Mas o folar era apenas a porta de entrada. As barracas ofereciam um verdadeiro inventário da riqueza gastronómica serrana: enchidos tradicionais — chouriças, linguças, paio —, mel da serra de Monchique, licores artesanais, aguardente de medronho, compotas, azeite de produção local, queijos curados, e a doçaria que ainda se faz nas cozinhas de casa e que vale a pena percorrer quilóme-





tros para provar. Quem preferiu comer no momento teve ao seu dispor os comes e bebes dos petiscos serranos: pratos de carne de porco preto, cataplanas, caracóis, couves com chouriço — a cozinha que reconforta e que faz sentido naquele lugar e naquela altitude.

O artesanato não ficou esquecido: olaria, cestaria, latoaria e trabalhos em cortiça marcaram presença, recordando que o saber fazer das mãos é também uma forma de identidade cultural que a Feira do Folar ajuda a preservar e a divulgar.

Uma das novidades mais gratificantes desta edição foi o número de visitas à Casa Museu da Serra, o registo de entradas superou todas as expectativas — um dado que não é apenas uma estatística, mas um sinal claro de que os visitantes querem mais do que gastronomia e música: querem compreender o lugar onde estão, a sua história, as suas gentes.

A Casa Museu da Serra é um espaço que conta a história da serra algarvia através dos seus objectos quotidianos, das suas ferramentas de trabalho, dos seus trajes e das suas tradições. Uma visita ali é um mergulho no tempo, numa ruralidade que não é nostalgia mas é identida-

de viva — e que ganha um sentido acrescido quando é feita durante uma feira que celebra exactamente essa identidade.

Se a gastronomia é a alma da Feira do Folar, o programa cultural é o seu pulso. E em 2026, o pulso bateu forte e variado — com espaço para o fado, para a música tradicional, para as crianças, para os bailaricos e para o momento de encerramento que toda a gente esperava com antecipação.

O encerramento do certame na primeira noite ficou a cargo da fadista Tatiana Pinto, uma artista com uma voz de timbre inconfundível e uma presença em palco que se impõe sem esforço. No Largo da Igreja de São Marcos da Serra, com a aldeia serrana como pano de fundo, o fado ecoou pela serra.

Ao longo dos três dias: Música Tradicional e a Alma Colectiva da Serra

Entre as actuações principais, os grupos de música tradicional locais foram os anfitriões da festa. Ranchos folclóricos, grupos de percussão, atuações de dança e animação itinerante percorreram o espaço da feira ao longo dos três dias, criando uma continuidade musical que nunca deixou o ambiente esvaziar.

Há um valor especial nestes grupos locais que vai além da qualidade técnica — embora essa também esteja presente. É o facto de serem as próprias pessoas da terra a celebrar a sua cultura, a vestirem os trajes que os seus avós vestiram, a dançarem as danças que aprenderam em criança. Isso não se compra com um cachê: nasce de um sentimento de pertença que São Marcos da Serra ainda tem, e que a Feira do Folar tem o cuidado de celebrar e de mostrar ao mundo.



Uma das noites mais aguardadas do fim-de-semana foi o Baile da Pinha, que decorreu no Sábado à noite na sede da Sociedade de Recreio e Instrução de São Marcos da Serra, um símbolo de vida associativa, o lugar onde gerações de serraenses se reuniram para celebrar, debater, conviver e construir comunidade.

O Baile da Pinha manteve essa tradição. A noite foi longa e animada, com a pista cheia de pessoas de todas as idades que dançaram sem se importar com as horas.

O encerramento ficou para a cabeça de cartaz — e que encerramento. Ágata, uma das artistas mais queridas do público português, subiu ao palco do Largo da Igreja para um espectáculo que foi, por todas as contas, o momento alto de uma edição já de si excepcional.



Ágata tem uma qualidade rara: a capacidade de criar uma ligação imediata com o público, de transformar um concerto num momento de partilha genuína. O seu repertório, que atravessa décadas de música popular portuguesa, soou fresco e emocionante naquela tarde de Domingo, quem lá estava sabe do que se fala: houve música, houve emoção, houve aquele tipo de alegria colectiva que só os bons espectáculos ao vivo conseguem proporcionar.

O Workshop "O Meu Primeiro Folar": Quando a Tradição Passa às Mãos dos Mais Pequenos

Uma feira que quer perdurar é preciso cuidar de quem há-de continuá-la. A organização da 28.ª edição teve esse cuidado de forma especialmente visível com o workshop "O Meu Primeiro Folar", que decorreu na Casa Museu da Serra e que se tornou um dos momentos mais tocantes e celebrados do evento.

Destinado às crianças presentes, o workshop convidou os mais pequenos a pôr as mãos na massa — literalmente. Com a orientação de especialistas e com a paciência contagiante de quem sabe que está a fazer algo que importa, as crianças amassaram, moldaram, decoraram e cozeram os seus próprios folares. O resultado foram pequenos tesouros imperfeitos e preciosos — exactamente como devem ser as primeiras obras de quem está a aprender.





As actividades para famílias foram um traço marcante de toda a programação deste ano. A organização teve o cuidado especial de garantir que cada visita fosse uma experiência completa para todas as idades.

Quando um evento chega à sua 28.ª edição e continua a crescer — em visitantes, em qualidade de programa, em impacto cultural e emocional —, isso não é acaso. É o resultado de anos, décadas de trabalho, de uma comunidade que acredita no seu evento e de uma organização que sabe que a tradição não

se conserva sem inovação.

A Câmara Municipal de Silves, a Junta de Freguesia de São Marcos da Serra, a Sociedade de Recreio e Instrução de São Marcos da Serra, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo Terras do Arade e a Região de Turismo do Algarve construíram juntos, um evento que hoje é muito mais do que uma feira: é um símbolo da resiliência e da vitalidade das comunidades serranas do interior algarvio.

Num tempo em que as aldeias do interior perdem população,

em que os serviços se retiram e em que o território se esvazia, a Feira do Folar de São Marcos da Serra é uma afirmação de presença. Diz que aqui há vida, que aqui há orgulho, que aqui há algo que merece ser visitado, celebrado e preservado. As centenas de visitantes que encheram São Marcos da Serra neste fim-de-semana de Abril não vieram apenas por causa do folar ou de algum concerto — vieram por causa de um lugar que, durante três dias, se transformou no melhor sítio do mundo para estar.



O custo de vida que nos mói

Da pandemia ao Estreito de Ormuz: o percurso de quatro anos que está a empobrecer Portugal

Há uma frase que circula nas redes sociais portuguesas com insistência crescente: "o dinheiro já não chega ao fim do mês, e antes chegava". Não é nostalgia — é aritmética. Nos últimos quatro anos, o custo de vida em Portugal acumulou choques sucessivos que, somados, representam uma erosão do poder de compra sem precedente desde a crise da troika. A diferença é que desta vez não há um

programa de ajustamento a absorver os choques nem um culpado claro a quem apontar. Há pandemia, há guerra, há petróleo, há especulação imobiliária — e há famílias que fazem contas a cada semana para perceber onde cortar.

Para perceber onde estamos, é preciso perceber de onde viemos. Em 2020 e 2021, a pandemia de COVID-19 comprimiu artificialmente a economia global: o consumo caiu, as cadeias de abastecimento pararam, os governos injectaram dinheiro massivamente para evitar o colapso. Quando o mundo reabriu — de forma abrupta, em 2022 — a procura reprimida explodiu ao mesmo tempo que a oferta ainda estava desestruturada. O resultado foi o que os economistas chamam de inflação de oferta conjugada com inflação de procura: os preços subiram em todo o lado, ao mesmo tempo, com uma velocidade que o Banco Central Europeu foi, inicialmente, apanhado de surpresa.

Em Portugal, a inflação atingiu 10,1% em Outubro de 2022 — o valor mais alto em quarenta anos. Mas o número médio esconde a realidade que as famílias sentiam: os alimentos básicos — pão, carne, azeite, lacticínios — subiram entre 15% e 30% em poucos meses. A energia disparou com a guerra da Ucrânia, que cortou o fornecimento de gás russo à Europa e empurrou os preços da electricidade e dos combustíveis para máximos históricos. Quem tinha crédito à habitação com taxa variável viu a sua prestação duplicar num espaço de dezoito meses, com a Euribor a passar de valores negativos para perto de 4%. Nos anos seguintes, a inflação foi descendo gradualmente. Em 2025, a variação média anual do IPC fixou-se em 2,3%, e em Janeiro de 2026 chegou a descer para 1,9%, sugerindo que a tempestade tinha passado. As famílias portuguesas, exaustas mas de pé, começavam a adaptar-se. E então chegou o Médio Oriente.

Em Fevereiro de 2026, o conflito entre os Estados Unidos e o Irão — que se vinha intensificando desde o fracasso das negociações nucleares em Genebra e de um confronto aéreo de doze dias em 2025 — escalou ao ponto de o Irão fechar o Estreito de Ormuz ao tráfego marítimo comercial. Para quem não conhece a geografia: o Estreito de Ormuz é uma passagem de apenas 34 quilómetros de largura entre o Irão e Omã, e por ali passa, todos os dias, cerca de 20 milhões de barris de petróleo — o equivalente a 20% do consumo mundial diário de energia líquida. O impacto foi imediato e brutal. Os preços do Brent dispararam, com subidas de 13% num único dia, chegando a ultrapassar os 114 dólares por barril em Março e atingindo um pico de 166 dólares do petróleo bruto de Dubai a 19 de Março — o valor mais alto alguma vez registado. Os grandes armadores suspenderam operações na zona. O Iraque, impossibilitado de escoar o seu petróleo, foi

obrigado a interromper a produção no campo de Rumaila por falta de capacidade de armazenamento. A Arábia Saudita começou a desviar exportações para o porto de Yanbu, no Mar Vermelho, mas a capacidade instalada é limitada.

A situação tem sido volátil: houve momentos de reabertura parcial, tentativas falhadas de negociação, e períodos em que o Irão cobrava uma

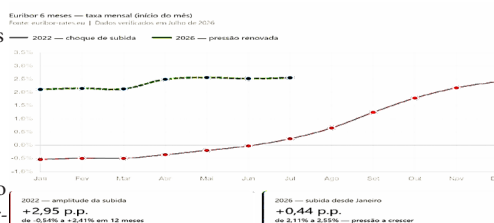
taxa — paga em yuan à Guarda Revolucionária — para permitir a passagem de navios seleccionados. Para Portugal, um país sem produção própria de petróleo e profundamente dependente de importações energéticas, este estrangulamento não é uma notícia distante: é o preço que se paga na bomba de gasolina e na factura da luz.

Em Portugal, a inflação que estava em 1,9% em Janeiro de 2026 voltou a subir para 2,7% em Março, atingiu 3,3% em Abril e Maio — o nível mais alto desde Setembro de 2023 — e a tendência não mostra sinais de inversão. O principal motor desta subida é inequívoco: os preços da energia subiram 11,7% em termos homólogos em Abril e 13,1% em Maio. Os alimentos não processados seguiram-se, com aumentos de 7,5% em Abril e 5,7% em Maio.

Haveria um cenário em que este choque energético fosse absorvido gradualmente, com impacto limitado nas famílias. Não é, infelizmente, o cenário que se está a materializar. A guerra no Médio Oriente não apenas encareceu a energia — deteriorou as condições financeiras globais de uma forma que os portugueses com crédito à habitação já começam a sentir na carteira.

O Banco Central Europeu, que havia cortado as taxas de juro por quatro vezes em 2025 — descendo de 4% até 2% —, encontra-se agora num impasse. Com a inflação a afastar-se do objectivo de 2% por causa da energia, o BCE não tem margem política para continuar a cortar. O Boletim Económico do Banco de Portugal de Junho de 2026 é explícito: "a guerra no Médio Oriente teve um impacto pronunciado nos mercados financeiros mundiais" e "as condições financeiras tornaram-se mais restritivas".

A Euribor, o indexante que define as prestações de crédito habitação de taxa variável de centenas de milhares de famílias portuguesas, está de regresso ao ciclo de subida. Em Junho de 2026, a Euribor a 6 meses — a mais utilizada em Portugal — ronda os 2,5%, depois de ter estado em mínimos de 1,7% no início do ano. O BCE sinalizou uma provável subida das taxas na reunião de Junho, e os analistas antecipam pelo menos mais uma subida até ao final de 2026.



O ciclo de alívio que tinha dado folga às famílias em 2024 e 2025 inverteu-se.

Para uma família com um crédito de 150.000 euros a 30 anos, cada subida de meio ponto per-

centual na Euribor representa entre 30 e 50 euros adicionais por mês na prestação. Para quem já opera no limite do seu orçamento — e são muitas — esta diferença não é abstracta: é a decisão entre pagar o crédito e poupar para uma urgência.

Habitação: O Calcanhar de Aquiles de Portugal

Se a inflação geral e as taxas de juro são uma pressão comum a toda a Europa, o mercado da habitação é o capítulo especificamente português desta crise — e o mais devastador para quem não tem casa própria ou tem rendimentos medianos. Os números são difíceis de processar: em 2025, o Índice de Preços da Habitação do INE registou uma subida de 17,6% — a maior da série histórica e a segunda maior de toda a União Europeia, apenas superada pelos 21,1% da Hungria. O preço mediano das casas à venda em Portugal fechou 2025 nos 3.019 euros por metro quadrado, um novo máximo histórico. Em 2024, a subida já tinha sido de 9,1%. O acumulado em apenas dois anos é de quase 30%.

+17,6% Aumento dos preços da habitação em 2025
2.º maior crescimento da União Europeia, segundo o INE — Março de 2026

As causas são conhecidas e têm sido amplamente discutidas: oferta insuficiente face a uma procura crescente — alimentada pelo aumento do número de agregados familiares, pelo crescimento migratório de cerca de 150 mil novos residentes por ano desde o pós-covid, pelo turismo e pelo investimento institucional, isto sem esquecer a recente celeuma com a divulgação dos números oficiais de novos residentes estrangeiros corroborando o que muitos suspeitavam há meses. O estudo mais recente do Banco de Portugal, divulgado em Junho de 2026, confirma que Portugal é identificado pela Comissão Europeia como o país da União Europeia onde o turismo teve maior impacto no preço do imobiliário.

O Caso Específico do Algarve

Se em Lisboa a situação é crítica, no Algarve é uma emergência humanitária silenciosa. A região mais a sul do país é a segunda mais cara para comprar casa em Portugal, com um preço mediano de 3.870 euros por metro quadrado no final de 2025 — apenas atrás da Área Metropolitana de Lisboa. Em 2025, as casas no Algarve subiram em média 8,8%, e as transações no Algarve cresceram entre 9,3% e 11,6% em número.

Mas os números de venda não contam a história de quem vive ali e trabalha no turismo, no comércio local, na restauração ou na agricultura. Um trabalhador com salário mínimo — 920 euros mensais em 2026, 818 euros líquidos — que viva em Faro, Portimão ou Lagos confronta-se com rendas de habitação que, nos últimos dois anos, ultrapassaram frequentemente os 800 euros por mês para um T1. A soma não bate. Não é falta de

gestão — é matemática impossível.

"O Algarve já se destacava com rácios preço-renda superiores à média nacional, muito influenciados pela procura por não residentes." — Estudo do Banco de Portugal, Junho de 2026

A consequência prática é a expulsão silenciosa das comunidades locais para o interior do país ou para fora da região. Os trabalhadores que servem a economia de serviços do Algarve — que movimenta milhares de milhões em turismo — não conseguem viver no território onde trabalham. É a versão portuguesa de um fenómeno que em Barcelona se chama turistificação, em Lisboa se chama gentrificação, e no Algarve ainda não tem nome porque ainda não se fala muito dele. Os índices de inflação medem médias. As médias mascaram. Uma família de Portimão, de Montemor-o-Novo ou de Miranda do Douro não vive numa média — vive numa realidade específica, moldada pelos transportes disponíveis, pelos serviços acessíveis, pelos salários praticados localmente e pela distância aos centros de emprego. Fora dos grandes centros urbanos, a equação é ainda mais desfavorável. Os transportes públicos são escassos ou inexistentes em muitos concelhos do interior — o que significa que o carro é uma necessidade, não um luxo, e que o preço dos combustíveis (que voltou a subir com o conflito no Médio Oriente) pesa directamente no orçamento familiar. As distâncias aos hospitais, às escolas secundárias, aos supermercados com preços competitivos são muito maiores. E os salários médios são, em regra, mais baixos do que nas áreas metropolitanas.

A nota de 2026 da publicação Sapo sobre o custo de vida é eloquente: "embora alguns passes se mantenham inalterados, o custo da mobilidade continua a ser um fator de desigualdade, penalizando sobretudo quem vive fora dos grandes centros e não dispõe de alternativas." É uma frase escrita em linguagem económica, mas descreve uma realidade humana: a pessoa que acorda às seis da manhã para conduzir quarenta quilómetros até ao trabalho, que paga a gasolina, a portagem, o seguro, a revisão do carro, e que no final do mês descobre que a mobilidade já não é acessível.

Uma das características desta crise — que a distingue de crises anteriores — é a simultaneidade. Não é só a habitação. Não é só a energia. Não é só os alimentos. É tudo ao mesmo tempo, e ninguém que vive do seu trabalho consegue fugir a todos os choques em simultâneo. Em 2026, as rendas podem subir 2,24%. A electricidade ficou mais cara. O gás mantém os aumentos de 2025. Os transportes públicos subiram. As telecomunicações subiram. A carne e o peixe devem subir cerca de 7%. As portagens subiram 2,3%. Os CTT aplicaram uma subida média de 6,2% nos serviços postais. A água subiu na maioria dos municípios. Cada uma destas subidas é, individualmente, modesta. Somadas, representam um agravamento real do custo de vida que esmaga as margens de quem vive com 820 ou 1.000 euros líquidos por mês. O rendimento disponível real — o que sobra após pagar impostos e inflação — comprimiu-se. O Banco de Portugal nota que o consumo privado está a adaptar-se, mas de forma assimétrica: quem tem mais poupa mais; quem tem menos corta no essencial. As famílias portuguesas estão a fazer o que sempre fazem em momentos de aperto — substituem marcas por marcas brancas, reduzem a variedade, refeições mais baratas, menos idas ao restaurante, férias adiadas. É uma resiliência

admirável, mas não é uma solução.

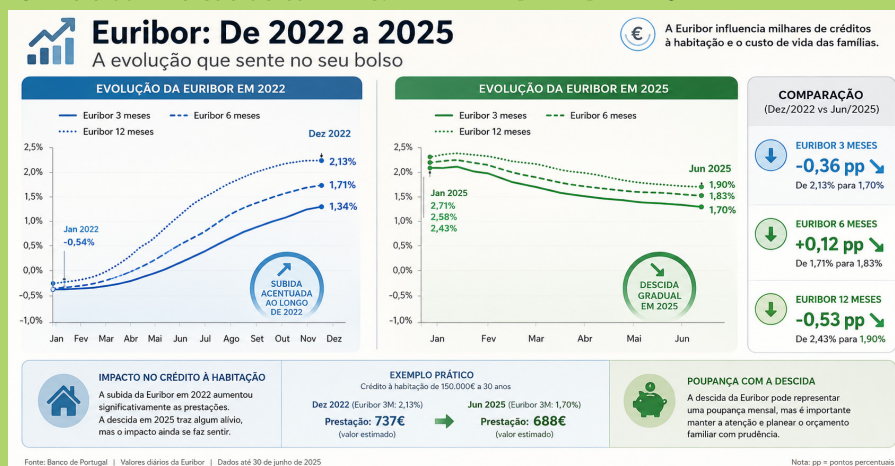
Há uma narrativa pública confortante sobre os supermercados que importa questionar. Nos anos mais agudos da inflação pós-pandemia, 2022 e 2023, a Sonae e a Jerónimo Martins — que controlam, respectivamente, o Continente e o Pingo Doce, as duas maiores cadeias em Portugal — absorveram parte do choque nas suas margens para evitar transferir a totalidade dos aumentos dos fornecedores para o consumidor final. Os números confirmam isso. No Pingo Doce, a margem EBITDA caiu de 6% para 5,8% entre 2021 e 2023.

A Sonae MC, dona do Continente, viu a sua margem líquida descer de 3% em 2021 para 2,6% em 2023. Como sublinhou o analista António Seladas: "no Pingo Doce a margem EBITDA caiu cerca de 90 pontos base nos últimos quatro anos e no caso da Sonae MC cerca de 30 pontos base". É uma compressão real — não uma ficção de relações públicas.

Em Março de 2026, quando os preços dos combustíveis voltaram a disparar com o conflito no Médio Oriente, o presidente da Jerónimo Martins declarou que o grupo estava a "absorver o impacto" da subida dos combustíveis — que afecta toda a cadeia logística da distribuição alimentar —, mas que "vamos ver até que ponto é possível ou não é possível aguentar". A presidente da Sonae foi na mesma direcção: "os preços nos supermercados ainda não subiram no geral, mas podem subir em breve", acrescentando que "no negócio de distribuição alimentar, toda a cadeia de valor é muito afetada pelo preço do petróleo". Esta linguagem cautelosa, vinda dos executivos das maiores empresas de distribuição do país, é um sinal que merece atenção. A grande distribuição agiu como um amortecedor, mas os amortecedores têm limites físicos. A crise do Estreito de Ormuz não é um choque pontual — é uma pressão estrutural que se prolonga no tempo. Os custos de transporte e logística continuam elevados. As matérias-primas continuam caras. E as margens que ainda existem são cada vez mais estreitas. O cada vez mais próximo ajuste à realidade económica da distribuição pode deixar as famílias ainda mais numa posição fragilizada.

A solução que a Sonae aventou — a suspensão do IVA em produtos alimentares essenciais como medida de emergência, à semelhança do que aconteceu em 2022-2023 — dependeria de uma acção coordenada do Estado. Mas o Estado tem os seus próprios constrangimentos orçamentais. E o tempo que medeia entre a decisão política e o alívio no cabaz de compras é sempre longo demais

O início da inversão do caminho:



para quem conta os céntimos na caixa e vamos ser racionais: uma medida destas tanto beneficia quem realmente está cada vez mais "estrangulado" como aquele que tem todas as possibilidades de pagar um qualquer preço.

Há uma expressão que os economistas usam quando se acumulam choques numa economia: "fadiga de ajustamento". Significa que as famílias e as empresas conseguem absorver um choque, talvez dois, talvez três — mas a cada novo choque a capacidade de resposta diminui e o limiar de rotura aproxima-se. Portugal chegou a 2026 com uma economia razoavelmente resiliente no papel — desemprego perto de mínimos históricos, crescimento positivo, dívida pública a descer. Mas as médias macroeconómicas não dizem nada à família de Miranda do Douro que gasta 40% do rendimento em habitação, nem ao jovem de Lagos que desistiu de procurar casa na região onde cresceu. O perigo não é um colapso dramático — é a erosão silenciosa. É a geração que não compra casa. É a localidade do interior que perde mais um médico porque ninguém aceita trabalhar lá pelos salários praticados quando a alternativa é a cidade. É o pequeno comércio que fecha porque os clientes deixaram de ter margem para gastar fora do supermercado. É o sentimento crescente de que o sistema está feito para quem já tem, e que quem trabalha não chega a lado nenhum. Esse sentimento, quando não encontra resposta nas políticas públicas, encontra-a na política do ressentimento. E aí o custo de vida deixa de ser apenas uma questão económica — passa a ser uma questão democrática. Portugal precisa de habitação acessível, não de promessas de habitação acessível. Precisa de transportes públicos que tornem o interior habitável, não de estudos sobre transportes públicos. Precisa de salários que permitam dignidade material, não apenas de salário mínimo que justamente cumpre a letra da lei. E precisa de uma estratégia energética que reduza a dependência de um único estreito no Golfo Pérsico.

É por tudo isto que o executivo da nossa freguesia batalha, tentando que várias medidas que foram bandeira por altura das eleições sejam uma realidade já aqui ao virar da esquina. Hoje em dia já ninguém põe em causa a utilidade de uma horta pública e o que pode amenizar o bolso no final do mês de quem não tem possibilidades de cultivo. Da mesma maneira que estamos já nos estágios finais de podermos providenciar à nossa população mais habitação porque a realidade é que a resolução desta crise habitacional passará, sobretudo, pelo aumento da oferta e, mais uma vez, aqui a Junta tenta ajudar a comunidade e atrair cada vez mais pessoas para a freguesia com mais casas.

A nova cara de SÃO MARCOS DA SERRA



São Marcos da Serra está a mudar de rosto. Não por acaso, mas por trabalho — diário, exigente e muitas vezes invisível aos olhos de quem só vê o resultado final. Desde que tomou posse, a equipa da Junta de Freguesia tem-se dedicado a recuperar aquilo que durante anos foi adiado, e a construir as condições para que a freguesia, no seu todo, seja servida com a dignidade que merece.

Entre as principais melhorias está a recuperação da iluminação pública, devolvendo segurança e visibilidade às ruas da aldeia, e um trabalho sistemático de limpeza de bermas e recuperação de estradas, essencial à mobilidade e à segurança de quem por ali circula diariamente. Mas o esforço da Junta não se ficou pelo centro da aldeia: foi alargado a todo o vasto território da freguesia, incluindo os montes e lugares mais isolados, normalmente esquecidos nestas intervenções.

A Junta tinha os meios. O que faltava era tratar.

400 a 462 km de caminhos rurais já intervencionados, com manutenção, recuperação e limpeza — contando com o apoio do Município e da Proteção Civil





Está também já iniciado o processo de sinalização progressiva dos montes da freguesia. Pode parecer um pormenor, mas não é: numa emergência, ou quando alguém de fora da terra precisa de chegar rapidamente a um determinado lugar, uma sinalética clara pode ser a diferença entre minutos preciosos ganhos ou perdidos. A par disto, a Junta tem reforçado a cooperação com as freguesias limítrofes, particularmente nos caminhos que atravessam fronteiras administrativas — troços que, por força da burocracia e da divisão de responsabilidades entre territórios, acabam historicamente esquecidos por ninguém assumir a sua manutenção. Este trabalho conjunto está a fechar essas lacunas.

Sem máquinas a funcionar, não há trabalho no terreno. Por isso, uma parte significativa do esforço destes meses foi dedicada a recuperar o parque de maquinaria e viaturas da Junta, conforme resumido no quadro ao lado.

Equipamento	Intervenção Realizada
 Toyota Dyna	 Recuperação integral
 Giratória	 Lagartas novas e recuperação completa do sistema eléctrico
 Retroescavadora Komatsu	 Quatro pneus novos
 Motoniveladora	 Reparação da caixa de velocidades e seis pneus novos
 Tractor Massey Ferguson	 Recuperado e integrado na nova equipa de limpeza de bermas (4 operacionais, com sinalização, soprador e motorroçadora)



Equipamento recuperado precisa de mãos preparadas para o operar — e a valorização das pessoas que compõem a equipa da Junta tem sido por isso uma prioridade tão importante quanto a recuperação de máquinas e estradas. Os operacionais já receberam formação em combate a incêndios e aplicação de produtos fitofarmacêuticos, e seguem-se as formações em Suporte Básico de Vida e DAE. As assistentes técnicas concluíram a formação na Plataforma Local do Cidadão, mantendo-se o compromisso com a formação contínua para acompanhar as exigências do serviço público. E porque a imagem também é uma forma de respeito por quem é servido, os elementos da Junta passaram a contar com novo fardamento — mais um sinal do apurmo que se quer para toda a instituição.



Estradas mais seguras, mais quilómetros de caminhos cuidados, máquinas a funcionar, pessoas mais bem preparadas e uma equipa mais identificada com o seu papel — esta é a nova cara de São Marcos da Serra. Um trabalho feito com esforço e dedicação, e que continua, dia após dia, no terreno.

O ESPÍRITO DE ABRIL

em Memória do Dr. António Bernardino Ramos



A 25 de Abril de 2026, São Marcos da Serra celebrou os 52 anos da Revolução dos Cravos com a solenidade e o calor que a data merece. O dia começou ao amanhecer, com a cerimónia do hastear da bandeira nacional — um gesto simples e carregado de significado, que a Junta de Freguesia quis que marcasse o ritmo da manhã. Seguiu-se a Caminhada do 25 de Abril, organizada pela Associação Trilhos do Remexido, que levou vários participantes pelos caminhos da serra num percurso que é, ele próprio, uma forma de celebrar a liberdade de ir e vir. Mais tarde, o Município de Silves organizou a Sessão Solene da Assembleia Municipal, comemorativa do 52.º aniversário do 25 de Abril, no Salão Nobre dos Paços do Concelho. Foi neste espírito de memória activa e de gratidão que a Junta de Freguesia de São Marcos da Serra decidiu aproveitar esta data para num dos primeiros actos do dia prestar homenagem ao Dr. António Bernardino Ramos — médico, servidor da comunidade e figura maior a encarnar, na história desta terra, os valores que Abril veio consagrar.

O 25 de Abril de 1974 não é apenas uma data — é o fundamento da sociedade livre e justa que queremos continuar a construir. Entre os valores que Abril veio afirmar — liberdade, igualdade, dignidade humana —, o direito à saúde ocupa um lugar central: a ideia de que ninguém deve adoecer e não ter acesso a cuidados por não ter dinheiro para os pagar.

Em São Marcos da Serra, essa ideia não nasceu com a revolução. Ela já caminhava pelas ruas da aldeia muito antes, nas pisadas do Dr. António Bernardino Ramos.

Médico de profissão e de vocação, o Dr. Bernardino Ramos foi, em tempos de grande dificuldade, exactamente o que a comunidade mais precisava: alguém que atendia os pobres sem exigir compensação, sem pedir dinheiro, sem distinguir entre quem podia e quem não podia pagar. Quando a saúde era um privilégio de poucos, ele tratou-a como um direito de todos — e foi nesse gesto quotidiano, repetido sem alarde e sem câmaras, que viveu de forma mais pura o espírito que Abril viria a consagrar.



Os valores não nascem nas datas — nascem nas pessoas. Nascem em quem age com integridade quando não há lei que o obrigue, em quem serve a comunidade quando podia servir apenas o seu interesse. O Dr. Bernardino Ramos foi uma dessas pessoas. A sua memória é, por isso, mais do que uma homenagem ao passado — é um espelho do que podemos e devemos continuar a ser.

25 de Abril de 1974

Uma lição de história

A madrugada de 25 de Abril de 1974 partiu Portugal em dois: o antes e o depois. Às 00h20, a Rádio Renascença transmitiu os primeiros acordes de

Grândola, Vila Morena — o sinal convenionado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) para o início da operação que, em poucas horas, poria fim a quarenta e oito anos de regime autoritário. Sem disparos, sem banho de sangue, com cravos vermelhos enfiados nos canos das espingardas, Portugal acordou livre.

O Estado Novo, edificado por Salazar desde 1933 e depois continuado por Marcello Caetano, era um regime que conjugava censura, polícia política, corporativismo económico e colonialismo. A PIDE — Polícia Internacional e de Defesa do Estado — perseguia, prendia e torturava opositores. Os partidos políticos eram proibidos, a liberdade de imprensa inexistia, as eleições eram uma farsa

e as mulheres não podiam sequer pedir passaporte sem autorização do marido. Portugal era, em 1974, um dos países mais pobres da Europa Ocidental e suportava uma guerra colonial em três frentes — Angola, Moçambique e Guiné-Bissau — que durava há treze anos e que já havia custado a vida a cerca de nove mil soldados portugueses, segundo dados do Estado-Maior General das Forças Armadas, com algumas estimativas mais abrangentes a apontar para perto de dez mil.

As conquistas imediatas do 25 de Abril foram de uma amplitude que hoje, cinquenta e dois anos depois, pode ser difícil de imaginar. Num só dia, libertaram-se presos políticos, dissolveu-se a PIDE, suspendeu-se a censura prévia e abriram-se as fronteiras. A população, que vivera décadas de silêncio obrigatório, saiu às ruas em massa — não com medo, mas com euforia. As fotografias desse dia mostram soldados com cravos nas espingardas e cidadãos comuns a abraçá-los, numa imagem que o mundo reconheceu como a de uma revolução diferente.



A liberdade de expressão e de imprensa foi restaurada de imediato. Os partidos políticos puderam organizar-se legalmente, os sindicatos puderam existir e negociar, e a liberdade de associação passou a ser garantida. Pela primeira vez, o cidadão comum podia criticar o governo em público, assinar manifestos, participar em assembleias, votar em eleições verdadeiramente livres. A primeira eleição da democracia portuguesa, realizada a 25 de Abril de 1975 — exactamente um ano depois



da revolução — teve uma participação de 91,7%, um número extraordinário que traduz a sede de participação de uma sociedade que estivera amordaçada.

O período revolucionário produziu avanços sociais estruturantes. A reforma agrária no Alentejo permitiu que os trabalhadores rurais, que viviam em condições de servidão encapotada, acessem à terra. Nacionalizaram-se a banca, os seguros e as grandes empresas — medidas que, embora controversas e depois parcialmente revertidas, quebraram o poder dos grandes monopólios que dominavam a economia portuguesa e concentravam a riqueza em poucas famílias. O salário mínimo foi criado. O direito à greve foi consagrado. As condições de trabalho melhoraram de forma significativa.



Na educação, o Estado Novo havia mantido Portugal num estado de semianalfabetismo funcional — em 1974, cerca de 26% da população adulta era analfabeta. A democratização do acesso ao ensino tornou-se uma prioridade, com a expansão das escolas públicas e o início de um longo processo de alfabetização que, nas décadas seguintes, transformaria radicalmente o perfil educativo do país. A saúde pública foi igualmente reformulada: o Serviço Nacional de Saúde (SNS) seria criado em 1979, garantindo acesso universal e gratuito a cuidados de saúde — uma conquista que, ainda hoje, define o modelo social português.

Para as mulheres portuguesas, o 25 de Abril foi uma ruptura civilizacional. Sob o Estado Novo, a mulher casada precisava de autorização do marido para trabalhar, viajar, abrir uma conta bancária ou assinar contratos. A Constituição de 1976 consagrou a igualdade plena entre homens e mulheres perante a lei. A descriminalização do aborto, embora só concretizada décadas mais tarde, tem as suas raízes nos direitos conquistados na sequência do 25 de Abril. A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e nas universidades transformou a estrutura da sociedade portuguesa de forma irreversível.



O caminho da ditadura para a democracia consolidada não foi linear. Entre Abril de 1974 e Novembro de 1975, Portugal viveu um período de

intensa turbulência política — o PREC, o Processo Revolucionário em Curso — que a historiografia descreve como um dos momentos mais complexos e fascinantes da história contemporânea europeia. Foi um período de radicalismo, de experimentação, de conquistas extraordinárias mas também de tensões que quase levaram o país ao precipício de uma guerra civil ou de uma nova ditadura, desta vez à esquerda.

Durante o PREC, o poder real estava fragmentado entre o Governo Provisório, o MFA, os partidos políticos (que iam do Partido Comunista Português ao Partido Popular Democrático) e os chamados "grupos de esquerda radical" — maoístas, trotskistas, anarquistas e outros movimentos que proliferaram naquele clima de ebulição. Ocorreram nacionalizações massivas, ocupações de terras e de habitações, conflitos laborais generalizados e, em algumas regiões, uma autêntica dualidade de poder entre as estruturas do Estado e as assembleias e comissões de trabalhadores.

A imprensa estava, em larga medida, sob controlo dos trabalhadores ou de facções políticas. A rua era o palco de manifestações quase diárias. Os murais políticos coloriam as paredes das cidades. A liberdade, depois de décadas de supressão, expressava-se de forma exuberante, por vezes caótica. Era um país em estado de invenção permanente — com todos os perigos que isso implica.

A aprovação da Constituição da República Portuguesa, a 2 de Abril de 1976, marcou um ponto de inflexão. Apesar do seu carácter marcadamente socialista — que refletia o espírito do tempo e seria depois suavizado por sucessivas revisões constitucionais — a Constituição estabeleceu as fundações do Estado de Direito Democrático: separação de poderes, direitos fundamentais, sufrágio universal, Estado social. As primeiras eleições legislativas, realizadas em Abril de 1976, produziram um resultado que afastou os extremos.

O período de adaptação democrática, entre 1976 e meados dos anos 1980, foi marcado por uma instabilidade governativa considerável — Portugal teve vários primeiros-ministros nessa década — mas também por uma progressiva normalização institucional. A integração nas Comunidades Europeias, em 1986, foi o coroar desse processo: significou o reconhecimento externo de que Portugal era uma democracia consolidada e o início de um ciclo de modernização económica acelerada.

A Importância do 25 de Novembro de 1975

Se o 25 de Abril foi o nascimento da liberdade, o 25 de Novembro de 1975 foi o momento em que essa liberdade quase morreu antes de crescer. A história do 25 de Novembro é a história de como Portugal evitou, por margem reduzida, o desfecho que ameaçava muitos observadores: uma ditadura comunista ou um mergulho numa guerra civil que poderia ter partido o país ao meio.

Ao longo de 1975, a dinâmica política portuguesa foi empurrada cada vez mais para a esquerda. O Partido Comunista Português, disciplinado e com fortes ligações às estruturas sindicais e a sectores do MFA, exercia uma influência desproporcionada à sua base eleitoral. Os resultados das eleições de Abril de 1975, em que o PCP obteve apenas 12,5% dos votos (muito abaixo do PS, com 37,9%), foram em larga medida ignorados pelos grupos radicais que controlavam partes do aparelho do Estado e das Forças Armadas.

Os grupos de extrema-esquerda — MRPP, PRP-BR, LCI e outros — alimentavam um clima de radicalismo que tornava a moderação politicamente perigosa. Havia quem acreditasse genuinamente que Portugal estava a viver o início de uma revolução socialista no sentido clássico. As ocupações de terras no Alentejo, as nacionalizações sucessivas, a dissolução ou marginalização dos partidos de centro e direita, os ataques físicos às sedes do PS e do PPD — tudo isto criava um ambiente de polarização extrema em que o centro democrático parecia estar a desaparecer.

Na madrugada de 25 de Novembro de 1975, paraquedistas ligados à extrema-esquerda do MFA ocuparam várias bases aéreas, num movimento que pretendia bloquear o desmantelamento do processo revolucionário radical. Era o culminar de meses de pressão crescente. Mas o movimento falhou. O General Ramalho Eanes, a mando do Conselho da Revolução, coordenou uma resposta militar eficaz. As bases foram recuperadas, os líderes do golpe foram detidos e o processo de normalização democrática foi, a partir daí, irreversível. O desfecho não foi inteiramente isento de sangue mas a violência ficou muito aquém do que a gravidade da situação fazia temer.

O 25 de Novembro foi, portanto, uma contra-revolução — mas uma contra-revolução democrática. Não repôs a ditadura; recolocou o processo político nos carris da democracia pluralista e parlamentar. A sua importância é frequentemente subestimada na memória colectiva portuguesa, eclipsada pela luminosidade simbólica do 25 de Abril. Mas sem o 25 de Novembro, o 25 de Abril poderia ter resultado numa outra forma de autoritarismo.

A população portuguesa não foi um actor passivo neste processo. O "Verão Quente" de 1975 viu manifestações massivas contra a radicalização comunista, particularmente no Norte do país, onde a Igreja Católica tinha forte influência e onde as sedes do PCP foram atacadas por multidões raivosas. Em Lisboa, as manifestações do PS reuniram centenas de milhares de pessoas exigindo que os resultados das eleições fossem respeitados. O povo — que em Abril de 1974 havia festejado nas ruas — voltava às ruas em 1975, mas agora para defender a democracia pluralista contra quem queria substituir uma ditadura por outra. Este é um dado crucial que a memória histórica deve preservar: a democracia portuguesa não foi apenas uma concessão das elites militares ou políticas. Foi activamente defendida por uma sociedade civil que, apesar de todas as suas divisões e da sua inexperiência democrática, soube reconhecer o perigo e resistir-lhe. A participação eleitoral, ex-

traordinariamente elevada nas primeiras eleições, é a evidência mais eloquente dessa consciência democrática nascente.

Os Valores do 25 de Abril Face aos Novos Tempos

Cinquenta e dois anos depois, Portugal e a Europa enfrentam um desafio que tem uma natureza diferente daquela de 1975, mas que coloca em questão os mesmos valores fundamentais: liberdade, igualdade, Estado de Direito, pluralismo democrático. A ascensão de movimentos e partidos de extrema-direita e direita radical — em Portugal, mas sobretudo em países como a França, a Itália, a Hungria, a Eslováquia, os Países Baixos e a Alemanha — reconfigura o mapa político europeu de formas que os fundadores das democracias do pós-guerra não anteciparam.

A direita radical europeia contemporânea é heterogénea, mas partilha alguns traços comuns: o nativismo (a ideia de que a nação pertence a um povo definido etnicamente), o populismo (a divisão maniqueísta entre um "povo puro" e uma "elite corrupta"), o eurosceticismo de grau variável, a hostilidade à imigração e ao multiculturalismo, e um autoritarismo latente

que se manifesta no ataque às instituições democráticas independentes — tribunais, imprensa, organismos de regulação. Em

alguns países, como a Hungria "outrota de Viktor Orbán", este projecto já atingiu o ponto de uma democracia "iliberal" — formalmente eleitoral, mas estruturalmente autoritária. Em França, Marine Le Pen conseguiu chegar à segunda volta presidencial duas vezes consecutivas. Em Itália, Giorgia Meloni chegou ao poder em 2022 à frente de uma coligação que inclui o partido herdeiro do neofascismo italiano. Na Alemanha, o AfD tornou-se o segundo partido mais votado em várias eleições regionais. Nos Países Baixos, o PVV de Geert Wilders ganhou as eleições de 2023. Na Eslováquia, Robert Fico, com um discurso abertamente pró-russo e anti-institucional, voltou ao poder. O padrão é claro: o que era marginal tornou-se mainstream, e o que era inaceitável tornou-se debate legítimo.

Em Portugal, o partido Chega, fundado em 2019 por André Ventura, cresceu de forma meteórica: de um deputado no primeiro ano para se tornar a terceira força parlamentar, com representação significativa em todo o país. O discurso do Chega combina elementos da direita radical europeia — nativismo, populismo anti-establishment, posições duras sobre imigração e criminalidade — com referências a uma identidade cristã e nacional que ressoa em sectores da população que se sentem esquecidos ou traídos pela alternância PS-PSD das últimas décadas. Seria simplista reduzir o voto no Chega a uma expressão de fascismo ou de saudosismo do Estado Novo. A investigação sociológica mostra que uma parte significativa dos seus eleitores são pessoas que viveram toda a vida sob a democracia, que não têm uma ideologia coerentemente autoritária, mas que expressam através desse voto a sua frustração com a corrupção, com as desigualdades crescentes, com a crise habitacional, com a de-

gradação dos serviços públicos. O perigo não está apenas no que o partido afirma ser — está no que as suas propostas implicam quando examinadas em detalhe.

É neste contexto que os valores do 25 de Abril adquirem uma actualidade renovada — não como relíquia histórica, mas como orientação ética e política para os desafios do presente. Liberdade não significa apenas ausência de censura: significa acesso efectivo à informação, direito à habitação, à saúde, à educação. Democracia não significa apenas eleições de quatro em quatro anos: significa instituições independentes, Estado de Direito, protecção das minorias contra a tirania da maioria. Igualdade não significa apenas igualdade formal perante a lei: significa combater as desigualdades materiais que tornam essa igualdade formal uma ficção para os mais vulneráveis. A memória do 25 de Abril deve ser, antes de tudo, uma memória viva — não uma celebração nostálgica, mas uma interpelação permanente. O que fizemos com a liberdade que conquistámos? Construímos uma sociedade mais justa? Protegemos os direitos dos mais frágeis? Resistimos à corrupção e ao abuso de poder? Estas perguntas não têm respostas fáceis — e é precisamente por isso que o 25 de Abril continua a ser necessário, como referência e como exigência.

Cinquenta e dois anos depois dos cravos vermelhos nas espingardas, Portugal é um país irreconhecível face ao de 1974. A esperança média de vida aumentou mais de quinze anos. A taxa de analfabetismo desceu para menos de 3%. O acesso à saúde, à educação e à justiça, embora imperfeito e desigual, existe universalmente como direito. As mulheres têm plena igualdade jurídica. As minorias sexuais têm protecção legal. Portugal ratificou o casamento igualitário, tem uma das mais avançadas legislações de protecção ambiental da Europa, e ocupa lugares de topo nos índices de paz e segurança mundiais.

Estas conquistas não caíram do céu. Foram construídas por gerações que escolheram, vezes sem conta, a liberdade em vez do medo, o diálogo em vez da violência, a democracia em vez do autoritarismo. E são conquistas frágeis — como todos os bens humanos genuinamente valiosos, exigem cuidado e defesa permanentes.

O 25 de Abril é sempre. Não porque tudo está bem, mas porque o projecto que ele inaugurou — uma sociedade mais livre, mais justa, mais igual — é um projecto inacabado. Cada geração herda esse projecto e tem a responsabilidade de o continuar, adaptando-o aos desafios do seu tempo. A nossa geração enfrenta populismos, crises climáticas, desigualdades crescentes e a tentação do fechamento sobre si mesma. A resposta a esses desafios está, ainda hoje, nos valores que emergiram daquela madrugada de Abril: liberdade, democracia, solidariedade.



ESPAÑHA CONQUISTA O MUNDO

O Campeonato do Mundo da FIFA 2026 em retrospectiva



Ferran Torres, Trump no palco, o último capítulo de Messi e Ronaldo — e Portugal eliminado pelos nuestros hermanos



A Espanha de Luis de la Fuente chegou ao título com uma autoridade que só se foi construindo ao longo do torneio. Começaram com um empate desconcertante frente a Cabo Verde na fase de grupos, mas foram crescendo a cada jogo. Lamine Yamal, com apenas 19 anos, era esperado ser o motor criativo para todo o certame — a verdade é que o domínio que a Espanha demonstrou a cada jogo após a fase de grupos, teve tanto de avassalador como, por vezes, de desconcertante. Rodri venceu a Bola de Ouro do torneio com uma prestação de metrónomo, um verdadeiro dinamo, que confirmou o seu estatuto como o melhor médio-defensivo do mundo.

No caminho para a final, a Espanha eliminou Portugal nos oitavos-de-final com um gol de Mikel Merino no primeiro minuto de descontos — uma crueldade de calendário que colocou os dois vizinhos ibéricos frente a frente demasiado cedo. Nos quartos-de-final venceram a Bélgica. Na meia-final, em Dallas, despacharam a França de Mbappé, considerada por muitos a melhor selecção até então, por 2-0 num jogo de grande controlo. E na final, dominaram completamente a Argentina — 20 remates contra 2,

com uma equipa incapaz de rematar nos primeiros 90 minutos e com o guarda-redes Emiliano Martínez a ser o único obstáculo durante 105



minutos.

O primeiro Mundial a três países — EUA, Canadá e México — foi, na dimensão logística, a maior operação da história do futebol: 16 cidades, 16 estádios, 104 jogos em 39 dias. O Estádio Azteca na Cidade do México recebeu o jogo de abertura — a única vez na história em que o mesmo recinto acolhe a partida inaugural de dois Mundiais —, e o MetLife Stadium em New Jersey foi o palco da final.

O clima, sobretudo o calor, voltou a ser o protagonista silencioso que o Mundial de Clubes de 2025 já havia anunciado. Em Houston, Dallas e Miami, os termómetros no relvado ultrapassaram os 40 graus celsius. As pausas para hidratação — introduzidas após a experiência do Mundial de Clubes —, rapidamente se

O MetLife Stadium em East Rutherford apagou as luzes a 19 de Julho com a Espanha a erguer o troféu pela segunda vez na sua história. Ferran Torres, substituto entrado no segundo tempo, marcou o único gol da final em tempo suplementar para vencer a Argentina de Messi por 1-0. O que pareceu, durante muito tempo, o palco perfeito para a despedida épica de um dos maiores jogadores de todos os tempos tornou-se o cenário da sua segunda derrota numa final do Mundo. A Espanha foi digna campeã. Mas o Mundial foi muito mais do que o seu resultado final: foi um torneio que gerou tanto ruído fora do campo quanto dentro dele.

tornaram alvo de críticas por serem utilizadas pelas cadeias de televisão norte-americanas como espaços publicitários. A acusação ficou para a história: a FIFA vendeu uma pausa de saúde como produto comercial. O halftime show da final, com Madonna, Shakira, Justin Bieber e os BTS, foi o primeiro da história do Mundial — e durou mais do que muitos gostariam ou do que estava até previamente estipulado.

Este Mundial de 48 selecções produziu 104 jogos e revelou que o alargamento tem vantagens e desvantagens em proporções iguais. Do lado positivo: histórias improváveis como a de Cabo Verde a empatar com a Espanha campeã, ou o Uzbequistão a qualificar-se para os 32 avos-de-final. Do lado negativo: uma fase de grupos com muitos jogos de baixa intensidade e um nível médio de qualidade visivelmente inferior ao dos Mundiais anteriores. Já se fala num possível aumento para 64 equipas no próximo Mundial de 2030, co-organizado por Portugal, Espanha e Marrocos — um projecto para o qual o Presidente da FIFA prometeu uma "revolução" no formato. Se a experiência de 2026 for a referência, o debate sobre mais quantidade versus mais qualidade vai intensificar-se.

A Segurança — O Mundial do Medo

A gestão política do acesso ao torneio foi o tema que mais manchas deixou na reputação organizativa deste Mundial. As proibições e decisões por parte da administração Trump levaram a que 39 nações fossem afectadas pelas restrições de viagem (quatro delas selecções qualificadas).

O Irão jogou o torneio em condições kafkianas: entrada nos EUA autorizada apenas 24 horas antes de cada jogo, saída obrigatória no próprio dia do encontro, com a sua base instalada em Tijuana, México. O árbitro somali Omar Abdulkadir Artan foi barrado de entrar no país — o primeiro árbitro na história do Mundial a ser impedido de comparecer por razões políticas. O avançado iraquiano Aymen Hussein foi detido durante quase sete horas no aeroporto de Chicago.

A presença de agentes do ICE nos estádios gerou um clima de intimidação que levou mais de 120 organizações de direitos humanos a emitir avisos de viagem. O presidente da UEFA, Aleksander Ceferin, recusou estar presente na final em protesto contra o ambiente político. Uma coisa ficou clara: organizar um Mundial num país com políticas de imigração desta natureza cria contradições que nenhuma cerimónia de abertura consegue disfarçar por muito que não se pudesse esquecer que, no fim de contas, os EUA são um país em guerra.

O árbitro somali Artan foi o primeiro na história do Mundial a ser impedido de officiar por razões políticas — barrado pelo Departamento de Segurança Interna dos EUA apesar de ter sido nomeado pela FIFA como um dos 52 árbitros do torneio.

Portugal — A saída antecipada e o fim de uma era

Portugal chegou ao Mundial com a Liga das Nações no bolso e com um grupo de fase de grupos (K) acessível em teoria.

Na prática, a selecção nunca convenceu.

Terminou em segundo lugar no grupo — atrás da Colômbia —, com uma vitória por 5-0 sobre o Uzbequistão e um empate irritante com a RD Congo na estreia. Bateu a Croácia por 2-1 nos 32 avos-de-final. E foi eliminada por Espanha nos oitavos, 1-0, com um golo de Mikel Merino no primeiro minuto de descontos. Uma eliminação dolorosa pela margem, mas talvez justa pelo contexto do jogo.

O Sistema de Martinez e os seus limites:

O estilo de jogo de Roberto Martinez — paciente, posicional, com a bola a circular sem urgência — foi ao longo do Mundial exactamente o que os críticos mais receavam: previsível e inofensivo contra adversários organizados. O meio-campo de Bruno Fernandes, Vitinha e João Neves, que no papel deveria ser um dos mais qualificados do torneio, produziu muito abaixo do esperado.

A dependência estrutural num Cristiano Ronaldo de 41 anos como referência ofensiva — com 19 toques no jogo contra Espanha, o segundo menor número em toda a carreira mundialista — foi o símbolo de um modelo táctico que chegou ao limite e sem qualquer consequência.

Um jogador daquele calibre não podia ter sido abandonado, independentemente de passível da crítica face à constante utilização mas sobretudo pela exigência e a crítica constante que pouco ou nada teve em conta a má abordagem que

lhe foi imposta. Por muito que a crítica foi tendencialmente unânime

é preciso, contudo, ter em consideração as declarações de alguns jogadores da Espanha, sobretudo Cucurella, que a frio considerou a selecção portuguesa a mais difícil de bater em todo o torneio.

Martinez resignou na conferência de imprensa pós-jogo em Dallas: "É certo que este foi o meu último jogo com a selecção portuguesa."

Jorge Jesus — O Novo Caminho

A Federação Portuguesa de Futebol anunciou Jorge Jesus como sucessor dois dias depois da eliminação, com um contrato de quatro anos até ao Mundial de 2030. Jesus, que deixara o Al-Nassr em Maio, é o treinador português com o currículo mais vasto do futebol nacional. A primeira tarefa é a reconstrução do projecto colectivo para o ciclo do Euro 2028 — e a definição do papel, se algum, de Cristiano Ronaldo nesse ciclo.





Porque também os deuses têm uma última dança...

Messi — O Homem que ainda não desistiu

Lionel Messi fez o melhor Mundial da sua carreira em 2022. Em 2026, fez o segundo melhor. Aos 39 anos, conduziu a Argentina à final com 8 golos e 4 assistências em 7 jogos — tornando-se o recordista de presenças (34 jogos) e assistências (12). O hat-trick contra a Argélia na fase de grupos foi um dos momentos do torneio. Apesar deste rendimento não se livrou das críticas constantes, quer de um caminho extremamente favorável e de pouca exigência quer, sobretudo, de decisões que alguns consideram inadmissíveis — seja a sua expulsão perdoadada no jogo de abertura seja o “teatro” pouco digno no seu provável último jogo de um Mundial face a Cucurella. Na final, a Espanha sufocou-o com uma equipa que não lhe deu espaço. Perdeu, mas saiu com mais honra do que o placard sugere. Ao contrário de Ronaldo, não confirmou que este foi o seu último Mundial.

Ronaldo — O adeus que todos quiseram ver

Para Cristiano Ronaldo, este foi o Mundial que nunca veio. Três golos — dois ao Uzbequistão, um de penálti à Croácia —, uma exibição fantasma contra a Espanha com 19 toques em 90 minutos, e a saída do campo em Dallas a saber que era a última vez. A imprensa foi, toda ela, extremamente crítica com o jogador desconsiderando talvez que existiram vários detalhes ou “pormenores” que levaram a essa exibição. Ronaldo confirmou que este foi o seu último Mundial,

embora não tenha fechado definitivamente a porta à selecção. Talvez com a tão propalada “melhor selecção de sempre” a verdade é que o seu desempenho entristeceu quer nós portugueses quer um mundo repleto de fãs de Ronaldo que não ajudou o astro a chegar ao tão ansiado título. Os números do torneio são impiedosos: Messi terminou com mais 5 golos e teve 4 assistências enquanto Ronaldo não assistiu. Mas o legado de Ronaldo não se mede apenas em estatísticas de um torneio — mede-se nas gerações que marcou, nos países que colocou no mapa, nas crianças que vestem o seu nome na camisola nos cinco continentes e muito, muito mais.

Mbappé, Haaland e Yamal — A herança em disputa

Kylian Mbappé terminou como o melhor marcador do torneio com 10 golos e é agora o melhor marcador absoluto em Mundiais (com uma média assombrosa de 1 golo por jogo) — ultrapassando a marca histórica de Miroslav Klose no início deste Mundial. Um dia far-se-á justiça às suas exibições nestes dois últimos mundiais, um herói praticamente em todos os jogos e a galvanizar uma equipa quando os colegas já não acreditavam. Erling Haaland carregou a Noruega, a grande surpresa do torneio quer dentro ou fora do campo, até aos 16 avos-de-final num esforço titânico que mostrou tanto o seu poder como as limitações colectivas do seu país. E Lamine Yamal, aos 19 anos, apesar de muitos esperarem mais das suas exibições todo o torneio, confirmou que brevemente se tornará numa aposta segura quando se falar do novo topo do futebol — a confirmação de que o futebol pós-Messi/Ronaldo não vai

esperar muito para encontrar os seus próximos ídolos.

Os Custos — O Mundial Mais Caro da História

A estratégia de dynamic pricing da FIFA gerou uma indignação que não terminou com o apito final. Bilhetes da fase de grupos entre 300 e 800 dólares, quartos-de-final entre 800 e 2.500 dólares, meia-final entre 2.000 e 5.000 dólares, e bilhetes de categoria 1 para a final a atingir os 10.990 dólares no portal oficial — gerando investigações de várias Procuradorias-Gerais de estados americanos. Seguir uma selecção até aos quartos de final custou em média 7.000 dólares apenas em bilhetes. Chegar à final podia custar de 15.000 a 20.000 dólares no total. No dia de jogo, os preços em torno dos estádios norte-americanos foram um choque cultural para os adeptos europeus: 150 a 300 dólares de estacionamento, 22 dólares por cerveja, 20 dólares por um cachorro-quente, e os serviços de ride-sharing a quadruplicar os preços normais. O Mundial mais lucrativo da história foi também o mais inacessível para o adepto comum e a verdade é que um Mundial de futebol sem a cor dos adeptos... Não é futebol!

As Trivialidades que Ficam na Memória

A Bola Trionda — Carregada como um telemóvel

A bola oficial Adidas Trionda — com apenas quatro painéis e um sensor de 14 gramas no interior que transmite dados 500 vezes por segundo para o sistema de VAR — foi uma das novidades técnicas do torneio. A bateria de carregamento sem fios com 90 minutos de recarga para

seis horas de operação gerou piadas inevitáveis.

Panini — A Loucura que não envelhece

Os cromos do Mundial

2026 esgotaram em pouco tempo após o lançamento em Abril — segundo os próprios distribuidores, uma procura entre três a cinco vezes superior às edições anteriores. Os 980 cromos de um álbum que reflecte o alargamento a 48 selecções transformaram a colecção completa numa empreitada monumental, com um custo estimado de várias centenas de euros sem compras no mercado secundário. Os preços subiram — 1.50 euros por saqueta de sete cromos (ou 75€ o box set), um aumento de 50% face ao custo de 2022 — e a nostalgia capturou tanto os filhos como os pais que voltaram a reviver a infância das trocas à saída da escola. Vários lojistas limitaram a duas ou três saquetas por cliente para evitar cenas de desapontamento — houve casos até de lojistas a não permitirem mais que uma saqueta quando a oferta era cada vez mais escassa pois não aguentavam ver as crianças saírem dos seus estabelecimentos lavadas em lágrimas. E vamos ser honestos... Não eram só as crianças que ficavam desapontadas... E se dúvidas houver tentem participar num qualquer evento de fim de semana dos vários que existem espalhados pelo país, sobretudo nas grandes cidades, para verem as delícias que estes cromos fazem a “meninos que já são pais, avós ou outros que até se esquecem que estão a trabalhar” em busca daquela caderneta completa perdida de há tantos anos... Os olhos brilham como os de qualquer criança.

Os Casos que Envergonharam o Mundial

O Irão: Um tratamento que ficará nos anos:

A selecção iraniana foi a mais prejudicada pela política de vistos americana. Proibida de permanecer nos EUA entre jogos, instalou toda a sua comitiva e infraestrutura em Tijuana. Mais de uma dúzia de membros do staff tiveram vistos recusados. O seu presidente de federação foi impedido de entrar no Canadá durante um congresso da FIFA. A situação foi classificada



por várias organizações internacionais como uma violação dos princípios de neutralidade desportiva que a FIFA comprometeu, em papel, defender.

O Árbitro Somali e o Jogador Iraquiano:

O árbitro somali Omar Abdulkadir Artan, nomeado como um dos 52 árbitros do torneio e árbitro do ano em África em 2025, foi considerado “inadmissível” pelo Departamento de Segurança Interna dos EUA e barrado — o primeiro na história do Mundial. O avançado iraquiano Aymen Hussein foi detido durante quase sete horas no aeroporto de Chicago, com o telemóvel inspecionado. O seu fotógrafo pessoal foi detido por mais de dez horas e deportado.

O Caso Balogun — Quando Trump ligou para a FIFA:

O momento mais controverso do torneio ocorreu a 1 de Julho: o avançado norte-americano Folarin Balogun recebeu um cartão vermelho no jogo contra a Bósnia por uma falta que parecia, para a maioria dos observadores, merecer no máximo um amarelo. A suspensão automática para o jogo seguinte contra a Bélgica levou Donald Trump a telefonar pessoalmente ao presidente da FIFA, Gianni Infantino, pedindo-lhe que “revisse” a decisão. A FIFA cedeu: invocou o artigo 27 do código disciplinar para suspender a interdição por um período probatório de um ano, substituindo-a por uma multa de 40.000 dólares à federação norte-americana. A Bélgica ficou “estarecida”. A UEFA classificou a decisão de “cruzar uma linha vermelha”. O Presidente Ceferin recusou-se a comparecer na final. Balogun jogou — e os EUA perderam na mesma, 4-1.

A Cerimónia da Final — O maior espectáculo de si próprio:

Quando muitos achavam que o escândalo da final deste Mundial seria o arrastar do tempo de intervalo para a actuação “a la Superbowl”, severamente criticada pelos jogadores e staff a aguardar nos túneis de acesso, ou eventualmente as cenas infelizes que grande parte dos jogadores da Argentina fizeram após o apito final eis que os holofotes se viram para Trump, que estava no MetLife Stadium para a final, e

ele recusou-se a sair do palco. Após entregar o troféu a Rodri, o Presidente dos EUA ficou no meio da celebração espanhola enquanto os confettis caíam — com Infantino visivelmente a tentar movê-lo sem sucesso. O defesa argentino Cristian Romero deixou-o com a mão no ar, virando costas à sua tentativa de aperto de mão. A FIFA cortou Trump das fotografias oficiais; a Casa Branca publicou as versões com Trump incluído. A emissora australiana SBS comentou ao vivo: “podem editá-lo fora daquilo”. Sepp Blatter, ex-presidente da FIFA, classificou o organismo como “uma ditadura” e Infantino como “submisso” a Trump. O Mundial 2026 terminou com futebol e política inseparáveis — como, de resto, começou.

A Espanha ganhou. Merecidamente. Yamal e Mbappé mostraram que o futebol não vai ficar órfão de génios. Messi saiu com dignidade; Ronaldo saiu com tristeza e grandeza em simultâneo, que é também uma forma de sair. Portugal saiu cedo demais, com um estilo de jogo que já não servia o talento de que dispõe — e Jorge Jesus terá quatro anos para reconstruir o projecto antes de o Mundial chegar a casa, em 2030.

Este foi o maior Mundial de sempre em quase tudo: mais equipas, mais jogos, mais dinheiro, mais polémicas, mais Trump. O futebol sobreviveu a tudo isso. Sempre sobrevive. E em Julho de 2030, num estádio que pode estar em Lisboa ou em Sevilha ou em Casablanca, vai recommear.



Sabia que...

Existem cromos especiais, os “Black 1/1” de Lionel Messi, Cristiano Ronaldo e Lamine Yamal que são variantes hiper-raras da colecção do Mundial da Panini, disponíveis exclusivamente nas edições norte-americanas (EUA/Canadá) do torneio. Estimam-se preços de \$100.000 a \$150.000 por cada cromo.

Ou que:

a FIFA introduziu novos emblemas para as figuras lendárias do futebol que influenciaram gerações:

Cristiano Ronaldo; Lionel Messi; Luka Modrić; Yuto Nagatomo e Manuel Neuer

O MELHOR DE TODOS OS TEMPOS

Ronaldo, Messi — e a questão que o futebol nunca vai conseguir fechar

Há debates que o tempo não fecha — este é um deles. Ronaldo ou Messi, Messi ou Ronaldo: a questão persiste há vinte anos, alimenta-se a cada Mundial, a cada Bola de Ouro, a cada gol marcado ou falhado, e em Junho de 2026, com os dois a disputarem aquilo que será muito provavelmente o seu último grande torneio, a pergunta regressa com uma intensidade que nenhum argumento racional consegue ainda resolver. Esta é uma tentativa honesta — e assumidamente parcial — de a tentar responder.

Para perceber CR7, é preciso perceber que ele e Messi nunca percorreram o mesmo caminho. Messi cresceu num clube que construiu um sistema à sua volta. O Barcelona da sua maturidade não era apenas o melhor clube do mundo — era um organismo desenhado para potenciar o seu génio, com Xavi e Iniesta como dínamos; Busquets a ganhar as bolas antes de ele as receber, com todo um projecto técnico pensado para maximizar aquilo que ele fazia naturalmente. Lionel Messi nunca precisou de sair da sua zona de conforto — até Paris. E Paris diz tudo: saiu da bolha, os números não foram os mesmos, e rapidamente “desistiu” e foi para outro nível de futebol.

Cristiano Ronaldo fez o caminho inverso. Do Sporting para o Manchester United, do United para o Real Madrid numa transferência que era suposto marcar o início do fim da sua carreira segundo os cépticos, do Real Madrid para a Juventus a provar que conseguia ganhar em Itália, de volta ao United para resgatar um clube em decomposição, e depois para a Arábia Saudita — não como reforma dourada, mas como desafio novo, como prova de que a chama não apagou. Em cada passo, o mundo disse que era tarde, que era demais, que o melhor já tinha passado. Em cada passo, respondeu com números.

Há aqui uma assimetria que raramente é apontada com a honestidade que merece: Ronaldo teve de provar a si próprio, ao clube e a cada país diferente onde jogou. Messi jogou quase sempre no mesmo código de jogo, no mesmo idioma táctico, no mesmo ecossistema de conforto. Não é uma crítica — é uma diferença. E diferenças importam quando se debate grandeza.

Há um fardo particular que Cristiano Ronaldo carregou durante toda a sua carreira e que raramente é contabilizado nos debates sobre quem é o maior: o peso de ser português. Portugal não é a Argentina. Portugal não tem a cultura futebolística de massas que perdoa a derrota com a mesma facilidade com que celebra a vitória. Portugal critica com uma intensidade que é, ela própria, uma forma de amor complicado — mas amor, ainda assim.

Ronaldo foi campeão europeu em 2016 com uma equipa que não tinha, no papel, nenhuma possibilidade de ganhar aquele torneio. GANHOU a Bola de Ouro por isso. E no dia seguinte, havia quem dissesse que não merecia. Foi campeão da Liga das Nações em 2019. GANHOU campeonatos em três países diferentes, a Liga dos Campeões cinco vezes, marcou mais de 900 golos profissionais. E há sempre uma ressalva, sempre uma condição, sempre uma crítica disponível. Na nossa cultura fortemente enraizada, nenhum herói está a salvo de ser derrubado no dia seguinte ao triunfo. CR7 sabe isso melhor do que ninguém — e continuou à mesma. Há um Portugal antes e depois de Cristiano Ronaldo. Só quem não viaja não percebe a magnitude desta frase. Há vinte anos, em qualquer aeroporto da Ásia ou das Américas, dizer que se era português gerava, na melhor das hipóteses, um “ah, é perto de Espanha, não é?” ou às vezes até mesmo o insultuoso, “mas isso não é Espanha?!” Hoje, chegar à Tailândia, ao Japão, ao Afeganistão, ao México, à Coreia do Sul e identificar-se como português gera um sorriso imediato, um reconhecimento espontâneo — e, na maioria das vezes, alguém com a camisola vermelha do número 7. Ronaldo não ganhou apenas títulos: colocou Portugal no mapa de uma forma que nenhum político, nenhuma campanha de turismo e nenhum produto de exportação jamais conseguiu. Isso tem um valor que não cabe em nenhuma estatística.

O futebol é uma indústria de imagem. E nessa indústria, a imagem de CR7 foi, durante anos, trabalhada por uma narrativa de antagonismo que convém a muita gente. Convém às televisões, que vendem audiência com o conflito. Convém às redes sociais, que o algoritmo favorece o confronto. Convém aos que precisam de um vilão para tornar



Messi mais simpático, e vice-versa. Será que uma parte do aparente ódio a Cristiano Ronaldo é, na verdade, conteúdo gerado para engagement? E perfeitamente inócuo? A questão é legítima. O ódio perfeito é aquele que gera partilha, e partilha gera dinheiro.

Mas há um contra-argumento que nenhum algoritmo consegue fabricar: o homem que existe quando as câmaras não estão apontadas para ele. A criança que chora de emoção ao ver Ronaldo e que ele vai espontaneamente consolar, sem assessores, sem fotógrafos posicionados, sem marketing. O adepto com cancro a quem visita no hospital sem que a notícia apareça alguma vez ou as alas que já permitiu construir. Os gestos de um homem que cresceu com pouco e que parece nunca ter esquecido isso — não como narrativa, mas como condição. Do outro lado existe claramente um Messi com as câmaras ligadas e outro quando elas já lá não estão e, quando isso afecta os mais pequenos, aqueles que realmente sofrem com os seus ídolos, torna-se devastador — se vastas provas não houvesse antes, basta ver as reacções nesta campanha para o Mundial, sejam elas uma simples adolescente lavada em lágrimas ou a malícia com que quis transformar a preocupação de Cucurella pelo companheiro a sangrar numa sanção.

Esta dimensão humana ficou particularmente exposta na conferência de imprensa de antevisão de Portugal contra Espanha, neste Mundial. As perguntas, algumas delas com uma agressividade que mal disfarçava o de-

Não é só o que se passa na nossa rua
ou sequer na nossa terra que tem influência
nas nossas vidas e, eventualmente, a capacidade
para a alterar por completo.

Com esta rubrica pretendemos dar voz a todos os
fregueses com algo de significativo que aconteça
para lá de onde o IC1 nos leva. Convidamos todos a
submeterem um artigo com uma análise do mundo
lá fora (seja no país ou no mundo,) com o tema à
vossa escolha, o escolhido será publicado na
edição da nossa revista.

ESCREVA-NOS

Email:

freguesiasaomarcosdaserra@gmail.com

sejo de o ver fragilizado, foram respondidas com uma serenidade que só existe quando não há guião. Quando falou da família, das coisas que realmente importam, quando admitiu vulnerabilidade sem pedir desculpa por isso — ali estava o garoto da Madeira, não o fenómeno global. E esse garoto nunca desapareceu completamente. Apenas a quem não olha com atenção poderia parecer que sim.

A paixão que Cristiano desperta é um fenómeno sem paralelo.

Existe um teste empírico que nenhuma estatística consegue reproduzir: a capacidade de mobilização fora de portas, a quantidade de multidões que acode espontaneamente a um lugar só porque determinada pessoa lá está. No Canadá, as ruas encheram-se com a chegada de Portugal — não tanto pela selecção, mas por ele. Em Vancouver, em Toronto, em cidades onde a comunidade lusófona é significativa, mas não dominante, havia filas de pessoas que não eram portuguesas, que não falavam português, que sabiam o nome de um único jogador da selecção nacional — e foram para as ruas por causa disso. Comparem-se as chegadas de Portugal e de Espanha neste Mundial e a diferença na mobilização espontânea é clara: não é um fenómeno de relações públicas, é gravitação.

A popularidade de Cristiano Ronaldo não é apenas mediática — tem substância. Tem a substância de alguém que, ao longo de vinte anos, ganhou a devoção de povos inteiros não apenas pelo que fez dentro de campo, mas pelo que representa fora dele: a ideia de que é possível. Que se pode vir de onde se veio e chegar onde ele chegou. Que o esforço supera o talento, ou pelo menos que pode, e que a crença em si próprio é o combustível de tudo o resto. A aura, termo tão em voga hoje em dia, não é apenas confiança que se projecta ou uma simples “boa imagem” é muito mais que isso e, na sua raiz, vem da espiritualidade, do que nos transmite e quem não se inspira ou sente algo quando está perto ou vê CR7? Ele atrai multidões porque é a prova viva que é possível querer muito um sonho e trabalhar todos os dias com mais garra e afinco para lá chegar, o perfeito exemplo de que com

disciplina tudo está ao nosso alcance, a sua tenacidade inspira qualquer um a “lutar”. É uma falácia absoluta que Cristiano não tem o talento ou a técnica dos maiores da história, beleza ou magia no seu jogo, só quem não se lembra dos anos do United ou até mesmo, por vezes, no Real Madrid poderia sequer conceber isso e, tal coisa, só prova que realmente uma mentira repetida incessantemente acaba realmente por ser vista como verdade. O que talvez poucos correlacionem é o homem por detrás desse facto, alguém que ao sentir tamanha injustiça quer nos relvados quer fora deles (vejam-se os vários escândalos e polémicas de arbitragem que têm vindo a público nos últimos anos na arbitragem espanhola com o Barcelona e seus representantes sempre no olho do furacão que CR7 já tentava chamar a atenção de todos aquando da sua passagem por Espanha) tomou a decisão de ser o melhor de sempre pela incontestação absoluta dos números! E desde aí... Cristiano pulveriza quase todos os recordes por onde passa em detrimento da “constante magia” tão característica de um Ronaldinho por exemplo.

Messi é um génio. Isso está fora de discussão. Quem já viu Messi jogar em estado de graça — e há vídeos que chega a ser difícil de crer que um ser humano é capaz daquilo — sabe que há ali qualquer coisa que transcende a física e que o campo de futebol nunca mais vai produzir da mesma forma. O Mundial de 2022 foi a sua obra-prima colectiva, e a final contra a França um dos maiores jogos da história do desporto. Mas há uma diferença estrutural que se recusa a desaparecer quando se olha para os dois percursos com honestidade: Messi jogou, quase sempre, onde se sentiu confortável. Ronaldo nunca parou de arriscar. Antes de provar ao mundo, quis sempre provar-se a si mesmo — em Inglaterra, em Espanha, em Itália. Cada desafio foi superado, cada expectativa foi obliterada, e o homem reconstruiu-se fisicamente mais de uma vez para continuar a competir no mais alto nível décadas depois de o mundo ter decretado que era tempo de baixar.

Nenhum jogador deve jogar pelo seu passado. Mas é impossível ignorar que, no fute-

bol português, CR7 gerou uma geração que acreditou que era possível ser campeão com os meios que temos — não com os meios que gostaríamos de ter. Em 2016, aquela equipa não ganhava aquele Campeonato da Europa sem aquele homem. Não pelos golos — marcou um e lesionou-se. Mas pelo que a sua presença no relvado, no banco, nos túneis representava para os outros dez. CR7 é o jogador que fez os portugueses acreditar que com selecções medianas poderíamos ser campeões. Isso só está ao alcance das verdadeiras lendas.

Nenhum homem é perfeito. Nenhum jogador o é. Mas há excepções à perecibilidade — há pessoas que ficam. Ronaldo viverá na memória colectiva portuguesa por gerações, e os que hoje lhe fazem as críticas mais severas serão os primeiros a dizer “no tempo do Cristiano” quando o futebol mundial precisar de uma referência.

Messi ou Ronaldo? A resposta honesta é que depende do critério. Se o critério for a pureza do talento em estado natural como muitos querem diferenciar, Messi. Se o critério for a resiliência, a adaptação, a capacidade de se reinventar e de arrastar outros consigo para cima do possível, então a resposta é diferente. E se o critério for o impacto que um jogador de futebol pode ter no sentido de identidade de um país inteiro, na forma como esse país é visto pelo mundo, na crença que instiga nos seus compatriotas de que é possível ir lá fora e conquistar — então não há discussão.



Porque se não acreditamos em nós, quem acreditará? E são poucas as pessoas, hoje em dia, com esse condão.

Cristiano Ronaldo teve esse condão. Ainda o tem. E isso, no fim de tudo, vale mais do que qualquer estatística.

Junta de Freguesia de São Marcos da Serra
Largo da Igreja
8375-257 São Marcos da Serra
282 361 119

